



A POLÍTICA
da PORNOGRAFIA
R. J. RUSHDOONY



A POLÍTICA
da PORNOGRAFIA
R. J. RUSHDOONY



**EDITORA
MONERGISMO**

BRASÍLIA, DF

Copyright © 2005, de Mark R. Rushdoony
Publicado originalmente em inglês sob o título
*Noble Savages: Exposing the Worldview of Pornographers and Their War Against
Christian Civilization*
pela Chalcedon/Roos House Books,
P.O. Box 158, Vallecito, CA, 95251, EUA.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
EDITORA MONERGISMO
SIA Trecho 4, Lote 2000, Sala 208 — Ed. Salvador Aversa
Brasília, DF, Brasil — CEP 71.200-040
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2018

Tradução: *Fabrizio Tavares de Moraes*
Revisão: *Felipe Sabino de Araújo Neto*
Capa: *Bárbara Lima Vasconcelos*
Diagramação: *Marcos Jundurian*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),
salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rushdoony, Rousas John
A política da pornografia / Rousas John Rushdoony, tradução
Fabrizio Tavares de Moraes – Brasília, DF: Editora Monergismo,
2018.

248 p.; 21cm.

Título original: *Noble Savages: Exposing the Worldview of
Pornographers and Their War Against
Christian Civilization*

ISBN 978-85-69980-58-2

1. Filosofia 2. Ética cristã 3. Teologia I. Título

CDD: 230

Sumário

Prefácio à edição brasileira	9
Prefácio	15
Introdução	27
I. Pornografia como expressão religiosa	35
II. A moralidade da pornografia	63
III. A política da pornografia	83
IV. Violência	99
V. A ideia de homem	109
VI. O universo despersonalizado	117
VII. “Experiencialismo”	125
VIII. A busca experiencial	137
IX. A vida como ficção	153
X. Pornografia e lei	161
XI. O homem do subsolo e o homem da elite	171
XII. Descapitalização	187
XIII. O triunfo do irracional	195
XIV. O blues cósmico	203
Epílogo	209
Apêndice I: Legislação contra a pornografia	217
Apêndice II: Ambientalismo	221
Posfácio: Nobres Selvagens: Marquês de Sade e o homem moderno	225
Índice remissivo	237
Sobre o autor	247

Um dos dons de R.J. Rushdoony era sua habilidade incisiva em demonstrar a existência de algo *como* a política da pornografia.

— **Douglas Wilson**
Autor, *O ateu em delírio*

R. J. Rushdoony foi um dos primeiros intelectuais cristãos a reconhecer o vasto escopo dos pressupostos e as implicações sociais da pornografia. Este livro descreve como a pornografia é parte de uma visão anticristã mais ampla e a razão pela qual promove a destruição da cultura ocidental.

— **P. Andrew Sandlin**
Autor, *A cosmovisão sexual cristã*

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

A fagulha que deu início à Revolução Francesa não foi tanto a frustração das pessoas em relação à nobreza e ao clero, mas sim uma profunda mudança nas cosmovisões. De modo um tanto pitoresco, ainda que igualmente perturbador, *Palais Royal*, à época uma seção da Paris revolucionária, tornou-se o epicentro dessa mudança. Tratava-se de um tipo de Arcádia, um porto para os intelectuais franceses, e um centro para a geração de ideias revolucionárias. Apesar de ter sido inaugurado em 1641 pelo Cardeal Richelieu, essa seção somente assumiu seu papel revolucionário singular a partir de 1780 até fins da década de 1830. Sendo oficialmente uma propriedade de Filipe D'Orléans (que prosaicamente foi renomeado de *Philippe-Égalité* [Filipe-Igualdade]), imperava ali, dentro dos limites daquele local, a imunidade relativa à prisão. Dentro do *Palais Royal* havia teatros, cafés e prostíbulos.

Conforme James Billington assinalou, os cafés eram o coração e alma do *Palais Royal*.¹ Eram tanto cochos para chafurdar-se na bebedeira quanto, metaforicamente falando, núcleos do submundo. Os nomes — *Café du Caveau* [Café da

1 James H. Billington, *Fire in the Minds of Men* (New York: Basic Books, 1980), p. 29-31.

cripta], *Café des Aveugles* [Café dos cegos], *Café du Sauvage* [Café do selvagem] — descrevem um tipo de refúgio natural, selvagem e clandestino. Foi no *Café Foy* que Camille Desmou-lins fez sua famosa convocação em 12 de julho de 1789, que levou à tomada da Bastilha dois dias depois. Esses cafés eram cortes de justiça, por assim dizer, para a proclamação do novo homem, o homem natural, não mais tolhido pela igreja nem pela monarquia. O *Palais Royal* foi capaz de gerar tamanhas emoções em massas devido ao fato de que os cafés “forneciam não apenas um espaço protegido para encontros políticos, mas também a atmosfera embriagante de uma utopia terrena”.²

Um fato peculiar desse espírito revolucionário era que as políticas inflamadas que conduziram a sublevações sem precedentes fundiram-se com os prazeres da ralé. Com efeito, as políticas estavam mescladas com a pornografia. Uma célebre publicação da época confirma essa ideia: *The National Bordello under the Sponsorship of the Queen, for the Use of Provincial Confederates*³ [O bordel nacional sob o patrocínio da Rainha, para uso dos confederados provinciais]. A amante de longo tempo de Filipe, Madame de Genlis, era conhecida como a princesa das prostitutas em *Palais*. Seu secretário pessoal era Choderlos de Laclos, autor de *As ligações perigosas*, um marco na nova “pornografia permitida” da época. O amigo íntimo de Laclos, o Marquês de Sade, abriu uma livraria em *Palais* a fim de vender seus textos obscuros. Um número considerável dos principais pensadores revolucionários possuía as maiores coleções de pornografia em suas bibliotecas pessoais. Rétif de la Bretonne [Nicolas-Edme Rétif], que introduziu a palavra

2 *Ibid.*, p. 31.

3 Título original: *Bordel national sous les auspices de la reine, à l'usage des confédérés provinciaux*.

“comunista” na França, veio a público com seu romance pornográfico, *Le Pied de Franchette* [O pé de Franchette] (1769). Seria o nacionalismo revolucionário, em vez do comunismo, que se infiltraria na França a partir de 1790. Porém, esse nacionalismo era a expressão da vontade humana de domínio.

A combinação de pornografia e política não era uma nota de rodapé estendida caracterizando uns poucos excêntricos. A figura revolucionária central de Louis Antonie de Saint Just (1767-1794) não raro conclamava por uma nova ordem social, indo muito além de Jean-Jacques Rousseau, ordem esta que se pautava exclusivamente na *natureza*.⁴ Ele desejava ser completamente livre a fim de entregar-se por inteiro a toda sorte de desejo natural. Porém, a Dama Natureza não era somente uma mera guia para a diretriz racional; antes, era também a própria encarnação do prazer romântico.

Certamente veríamos idas e vindas. Durante parte do século XIX, a pornografia foi mantida sob rédeas. Ao longo da era vitoriana, não se aprovava a pornografia, embora ela ainda fosse escrita. Nos primórdios da história do cinema, havia uma boa dose de interesse na pornografia, embora acompanhada de uma considerável censura. Atualmente, após a chamada revolução sexual, há uma disponibilidade abundante de pornografia. A única fronteira que ainda não foi ultrapassada é a pornografia infantil, embora haja muito disso por aí.

Rousas J. Rushdoony é surpreendentemente original por conceber a pornografia não como primordialmente um instrumento da excitação grosseira, mas como algo procedente de uma revolução na compreensão acerca do próprio homem.

4 Veja Saint Just, “Report on the Dantonists”, 31 March, 1794, in *The Principal Speeches and Orators of the French Revolution 1789-1795*, vol. 2, ed., H. Morse Stephens (Oxford: Clarendon Press, 1892), p. 507ss.

Francis Schaeffer também percebeu a ligação e viu a pornografia como um tipo de narcótico que poderia conduzir a uma “experiência última”. A maioria dos críticos da pornografia, cristãos ou não, não são capazes de ir além do caráter viciante reconhecidamente trágico dela. Suas campanhas visam eliminar a pornografia em razão de sua capacidade de perversão. Obviamente estão certos, porém os perigos são muito mais profundos. Dentre os males dessa forma obscura de arte está a reificação das mulheres, que se dá quase sempre. Os homens também são vítimas dessa reificação, embora os alvos vitimados sejam as mulheres e eles, os que exercem o poder. O Marquês de Sade defendia a violência física contra as mulheres, não tanto por causa de sua sórdida gratificação sexual, mas pelo exercício bruto de dominação. Isto isola o ato de amor de seus propósitos pactuais designados.

Outro dos males da pornografia é que considerável parte dela está sujeita à máfia ou ao controle de gangues. Trata-se de uma imensa máquina de dinheiro. Porém, esteja o crime organizado envolvido ou não, a pornografia lida com nossas piores tendências consumistas. Uma das críticas mais profundas à *Playboy*, a revista edita pelo recém-falecido Hugh Hefner, vê uma ligação entre as mulheres lubrificamente expostas e os produtos de luxo anunciados em suas páginas.⁵ Ambos são objetos de luxúria, visto que ambos refletem uma antropologia que diz que tu és aquilo que desejas.

Nesta brilhante obra de crítica cultural, Rushdoony denuncia a extraviada busca por liberdade em nosso universo pornográfico. Ele então responde com um apelo claro à norma bíblica para a verdadeira liberdade. A única liberdade

5 Elizabeth Fraterrigo, *Playboy and the Making of the Good Life in Modern America* (New York: Oxford University Press, 2009).

verdadeira está na submissão ao Deus que nos criou. Ele nos fez como seres sexuais, embora sejamos muito mais do que isso. E nossa sexualidade é uma dádiva sua para nosso uso ao darmos-lhes glória por meio do matrimônio e, quando possível, por meio da geração de filhos. Seremos capazes de fazer isso somente se partirmos de uma visão adequada da natureza humana: criados segundo a imagem do próprio Deus, caídos em pecado, e sendo agora redimidos pela graça daquele que enviou seu único Filho ao mundo a fim de adquirir um povo para si. Esta é a única revolução pela qual vale a pena lutar.

— **Dr. William Edgar**

Professor de Apologética
Seminário Teológico de Westminster

